

## A Palavra do Presidente.

A história da tuberculose em nosso meio é marcada por fases e fatos curiosos, louváveis e deprimentes. Cada um a seu tempo.

No passado, fase pré-antibióticos, “a peste branca” com voracidade dizimava, mutilava e invalidava pessoas. Por desconhecimento e muito de “folclore”, valorizava-se coisas que pouco valor tinham, na história natural da doença. A credence da transmissão por utensílios fazia com que se separassem talheres e copos, camisas e fronhas dos doentes. A utopia do tratamento com boa alimentação e bom clima criou o período dos sanatórios serranos, com casos e mazelas que, quem os vivenciou, há de se recordar.

Depois veio a fase do tratamento encurtado, do controle ambulatorial, da auto-medicação. Com drogas potentes veio a euforia do êxito terapêutico. Morte aos bacilos, vidas sendo salvas, mudando o perfil epidemiológico da patologia.

De súbito entra em cena “a maldita”. A imunodeficiência adquirida rouba a tranquilidade dos médicos, reaviva o ímpeto do bacilo, muda os números das estatísticas, recolocando na ribalta pneumológica uma personagem mórbida, por vezes letal. E vem, infeliz coincidência, numa época em que “as atenções oficiais” estão – dolosamente ou não, pouco importa – voltadas para outros lados. Chega e encontra tempo e espaço nunca dantes tão propícios para seu desenvolvimento. É, novamente, se modificam os indicadores epidemiológicos.

O Rio de Janeiro, outrora cidade maravilhosa até no domínio das ações de controle da doença e na geração de conhecimento científico acerca de como resolver o problema, se vê pilhado sem defesas, abandonado a sua própria sorte e é vitimado por uma “co-infecção pan-endêmica” de proporções alarmantes (será que estou exagerando?).

Agora, pasmem, não se acabaram os problemas. Estamos nós tornando recordistas nacionais de abandono de tratamento. Aflige-nos a perspectiva de gerarmos uma legião de crônicos multi-droga-resistentes.

É demais para nosso Rio de Janeiro, já tão fragilizado. É mais um duro golpe na possibilidade de melhorar o estado de sanidade do nosso povo, de resgatar, um pouco que seja, a cidadania plena de nossa gente.

Mas, como Deus é brasileiro – e, dizem, nasceu no Rio – quem sabe Ele não ilumina o fim do túnel ou a cabeça de nossas autoridades constituídas, fazendo com que o problema da tuberculose em nosso Estado seja encarado com mais seriedade e determinação.

A nós, médicos, está reservado um papel que julgo de maior importância. Cabe-nos prosseguir na luta, tratando nossos enfermos, denunciando irregularidades, tentando corrigir os rumos desta nau de insensatos, tentando colocar nos trilhos este bonde chamado “destino”.

Façamos a nossa parte. E que Deus nos ajude.

*Paulo Cesar de Oliveira.*